

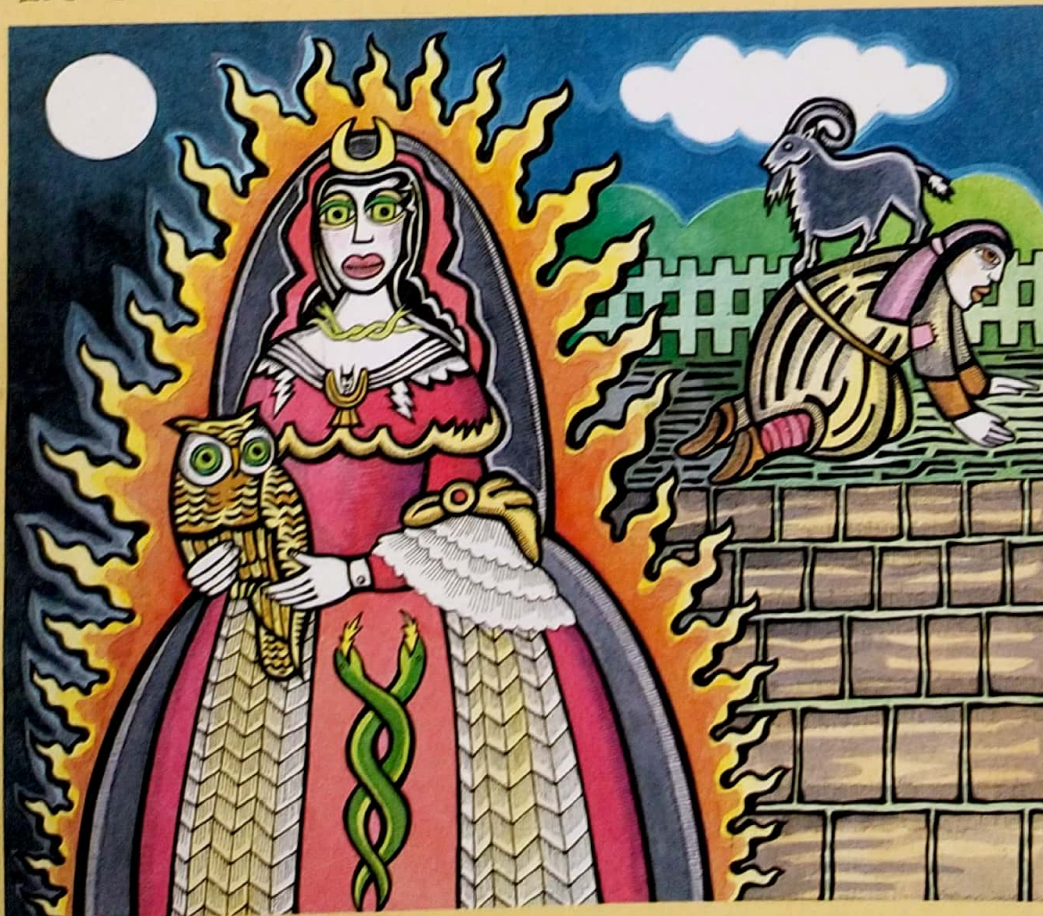
histórias de encantamento



Tereza BICUDA

Livro do Professor
venda proibida

CIÇA FITTIPALDI



editora scipione



histórias de encantamento



Tereza BICUDA

CIÇA FITTIPALDI



versão de um conto popular



editora scipione



RESPONSABILIDADE EDITORIAL
Luiz Esteves Sallum

SUPERVISÃO
M. Cristina Simi Carletti

PROJETO GRÁFICO E ILUSTRAÇÕES
Cíça Fittipaldi

REVISÃO
M. Luiza Xavier Souto

COMPOSIÇÃO E ARTE
Diarte Composição e Artes Gráficas



todos os direitos reservados

editora scipione ltda.

Praça Carlos Gomes, 46 - CEP 01501
Caixa Postal 65.131
Tel. 37-4151
1988

divulgação

Rua Fagundes, 121 - CEP 01508
Caixa Postal 65.131
Tel. 37-4151

ISBN 85-262-1466-7

Cruz credo!
Ruindade quando engendra é
uma desnatureza.
De repente monta numa pessoa,
desfigura, maltrata, acaba com ela e não
há jeito de apear.
Então parece que foi assim, ruindade deu
de engendrar em Tereza, nesse mistério de
mulher feia.
Ninguém sabe direito como isso começou.
O caso é que Tereza Bicuda morava bem
ali, no Larguinho de Santana.
Por mim, o que sei é o mesmo tanto que
todo mundo conta por aí.
Causo velho. O avô do meu avô já sabia
disso.
Nessas vilas velhas do ouro, há coisas que
rondam. Toda essa qualidade de ente
assombrado.
É mesminho o que já está aqui, só que do
avesso.
O avesso de uma pessoa, era Tereza.
Pau que nasceu torto, sabe-se lá.
Eu, que andei por tudo que é cidade
goiana, cidadins, e por esse matão afora,
já peguei o povo contando histórias dela,
mas por certo isso houve de começar entre



N. SOFIONE - UFFICIO GRAFICO

os rios e serras da antiga Jaraguá de Goiás.
Lugar aventureiro. Lugar pra arribar
joão-ninguém na vida à custa das areias
preciosas dos seus rios e do lombo
dolorido da escravidão.
Os negros subindo e descendo, o leito dos
rios nas costas, desencavando ouro das
águas frias.
Garimpos.
Ouro pra aumentar terras, botar mais
bois.
Água fria e maleita.
Muita.
Ouro nas igrejas. Raiarada de sol para a
escuridão úmida desses santos.
O povo é muito crente.
Jaraguá é um lugar assim, arrodado de
gemidos contidos no tempo, persistindo.
Trilheiros cruzados por tanta gente!
Índios, negros, mestiços, brancos, bandos
e tropas e bandeirantes...
Uma terra cobiçada.
Decerto foi aqui mesmo o começo desse
dito da Tereza Bicuda. Mas o começo é
incerto, cada um conta de um jeito.
Que era mulher muito ruim, isso era. De
conformidade com tudo o que ouvi desde

criança, sempre foi assim, nunca mudou.
Dava aquele medão na gente...
Diz que ela veio de um nada, de uma
poeira na estrada, de uma vida retirante.
Que do pai não teve imagem, só a mãe e
uma andança erradia que acabou em
Jaraguá. No tempo que ainda era vila. No
meião dos ermos, dos sertões. De dentro
das serras brotando aquele movimento de
gente, aquele tanto de serviço pra fazer.
Depois de tamanho chão solitário,
ficaram.

Dizem que foi bonita, muito bonita
mesmo, a Tereza.

Morena do corpo em viola, desejo
escondido na boca, perfume de graviola.
Mas tinha vidinha medida, de beber água
no pote e dividir a vasilha. Lá no fazendão
do Mutum, parece.

Naquela extensão de terra. Coisa de meio
mundo.

Era ver os chapéus da Senhora, os véus
cobrindo. As charretes descendo as
ladeiras, deixando mistérios no rastro,
mistérios de gente rica.

Era ver sentar, poderoso, o Senhor. No
gibão, relógio de ouro. O chapelão e o

cachimbo, assuntando os ares do seu domínio.
Um domínio que varria isso tudo, das matas e campos à escravaria, juntando bois, plantações, ouro a rodo, os casarões e uma enorme criadagem, que dono mesmo não levantava uma peninha.
Tereza era criada, sempre só obedecia.
Um corpo-flor que era a delícia, o quitute e o licor do Senhor e convidados.
Uma beleza humilhada.
Mas isso é só o povo inventando coisas pra explicar aquele assombro de mulher ruim.
Porque começou descomeçada a história dela. Quando deram pelo causo, já estava pelo meio, Tereza Bicuda morando na vista de todo mundo, bem ali, no Larginho de Santana.
Contam que, mesmo bela, não tinha um vaqueiro, um peão, um lavrador que a quisesse pra casar. Era moça pro patrão.
Então, um dia, Tereza se revoltou.
Chamou a mãe prum lado e disse que partiria.
Queria os véus, os chapéus. Já chegava de usufruto de sua pessoa por um nada.
Falou que a mãe esperasse que um dia ela

voltaria pra ser dona dali tudo, com o poder da Senhoria.

A mãe espreitou o destino da filha e viu: orgulho, posse, cobiça. Crueldade e tirania. Seu rosto ficou sombrio, não disse um nada, nem piscou.

E Tereza partiu, sem a bênção da mãe. São vários causos.

Depois mesmo, estava ali, no Larginho de Santana, apavorando a cidade, carrancuda, maldizente, danando com a vida dos outros, despachando coisas feitas. Diz que Tereza, de moça, caiu na vida. Foi mulher pra toda gente.

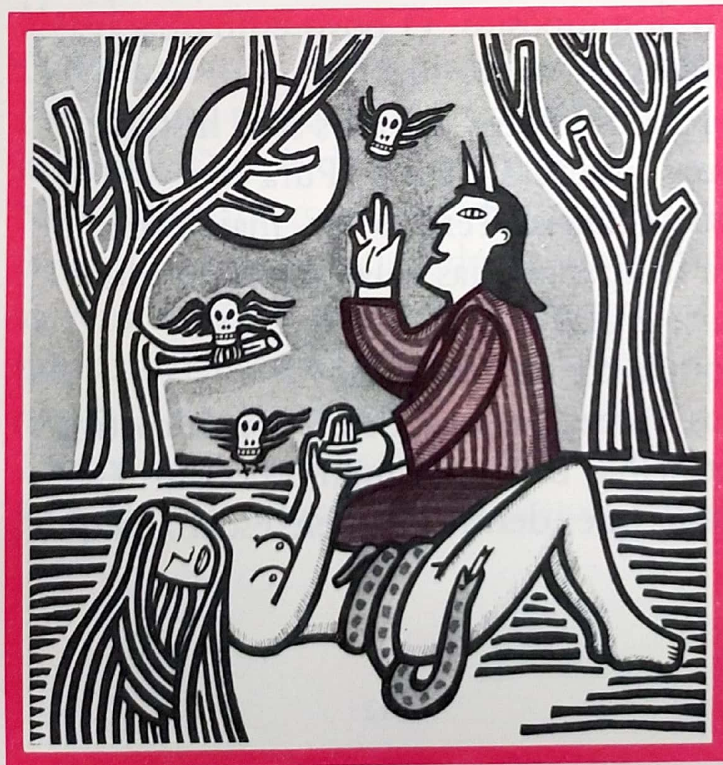
Que foi com peões, fazendeiros, com ladrões, aventureiros, jogadores, trapaceiros, com ciganos embusteiros, gente rica, gente pobre, foi com todos, brancos, negros. Tirava lições da vida. Que vendo os homens como eram, percebeu suas fraquezas.

Conheceu, como mulher, toda a força que tinha. Do fundo da amargura preparou os seus venenos, armou seduções e malícias. Fez da alma um trocadilho, fez do corpo uma armadilha. E, como isso não bastasse

pra alcançar o que queria, compactuou com o Diabo, num encontro marcado na encruzilhada do grotão. Diz que propôs ao tihoso que lhe enviasse o mais rico, o homem mais poderoso. Em troca ao que lhe cabia, tirasse proveito dela, mandasse no que fazia.

E assim, diz que Tereza traçou numa jura seu destino de ruindade, de poder e de loucura.

Causos...



O que todo mundo sabe é que Tereza foi rica.

Mulher muito orgulhosa, desfilava vestidos com cauda de metro e meio, bordados, perfumes e sedas, tudo do estrangeiro.

O sobrado do Larguinho ela deu pra sua mãe. Que a velha ficasse afastada, não viesse com reprovação. Festas, banquetes e danças, bebedeiras, jogatinas, Tereza fazia farras na mansão em que vivia.

No casarão de Tereza tudo era muito pomposo, de um ornato excessivo.

Tapetes, jarros e louças, pratos, estátuas e quadros, objetos disparatados, quinquilharias de vidro.

Um despropósito. O povo embasbacava: tanta coisa, tanto luxo!

Tereza ostentava tesouros sem história, coisas juntadas a esmo. Pura

extravagância. Ter pra ter, mais nada. E a lamparada das velas vertendo cera noite e dia?

Aquele cheiro de velório...

Mas Tereza gostava assim. Muita cortina vermelha, brilho de fogo no cetim. De modo que, dentro daquele escuro, o que

se via estava ardendo. Labareda dançando por cima das coisas, refletindo nos espelhos. Um tipo de dança bruxesca, endiabrada.

Ali não se achava descanso, nenhum canto tinha calma.

Por dentro da casa ventava, estando as janelas fechadas.

Era assim um vento doido, ninguém sabia de onde vinha.

O casarão de Tereza era o espelho da sua alma, o cenário da sua guerra.

Tereza era muito rica, sim. Faça a conta: só de vela, o que Tereza gastava...

Diz que tudo isso ela herdou. Porque foi casada, Tereza.

Marido enjeitou.

O homem mais rico e poderoso do lugar.

Parece que, nesse tempo, começou a judiação. Depois desse casamento.

No começo foram alturas. Ela, um feitiço de mulher, ele embriagado de amor. Um vaivém do céu à terra, ao céu, à terra.

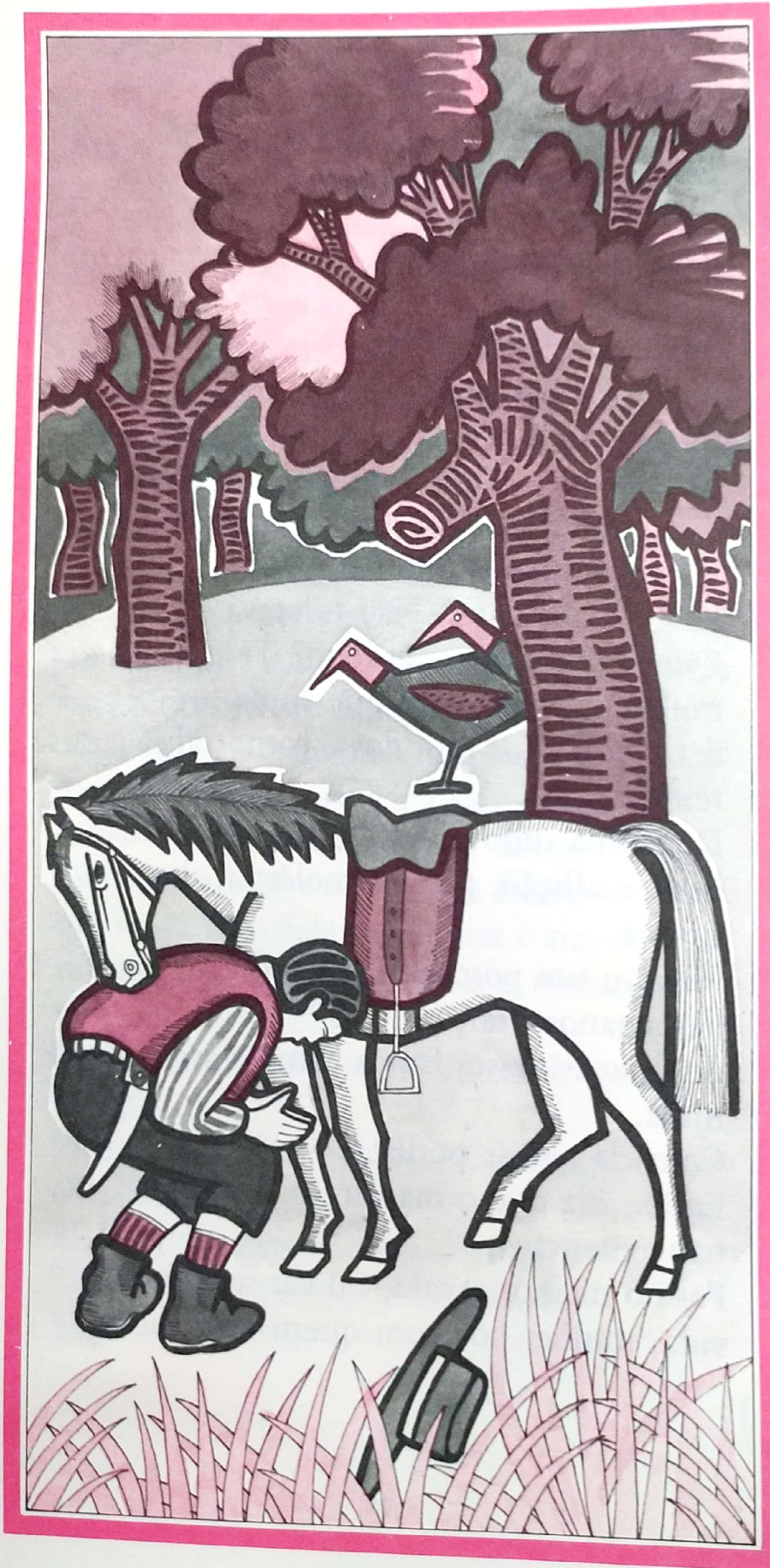
Buritis balançando no vento, fogos, estrelas, luar.

Tereza se apaixonou.

Só que feito o casamento e pouco tempo

passado, destampou num só mau gênio e
era uma luta por dentro, uma gastura que
nem Tereza entendia.
Brigava por qualquer coisa, fazia que não
ouvia, estranhava o marido na cama,
chamava por nome de outro.
Enquanto o Diabo esfregava um olho,
Tereza já ofendia.
Carranca sua era à toa.
Coisa do cão, do bicho. Do capeta, do
canhoto. Sua encomenda fora entregue,
Tereza lhe pertencia.
Ela bem que sofreu. Não conseguia domar
seus sentimentos. Lançava espadas no
olhar, o que tocava corrompia. E a
judiação dos escravos era tanta que não
cabia em medida. Era uma morte por dia.
Destratava o seu marido na frente de
qualquer um, falava besteira e ria, não
dormia não fosse dia, deixava o marido
em jejum.
Foi entrando pelo avesso, suas feições se
mudaram.
Orgulho, poder e cobiça. Crueldade e
tirania.
Ele engolia sapos. Anos. Penitências.
Tereza tudo queria. Céus, mares,
impossíveis.

Desfez negócio importante, comprou
segredos, vendeu.
Colecionou infortúnios, desgraças de todo
grau.
Sua especialidade era a desavença
conjugal. Atraía os homens como a aranha
numa teia. Seduzia, dominava, tirava
tudo o que queria depois os deixava
querendo, diabólica, debochada...
Ele sempre quis filhos.
Isso ela não daria. Não tolerava criança.
Que dizer de um herdeiro? Tereza não era
mulher pra dividir o que tinha.
Seria dona dos mundos e como tal já
reinava.
Disponha tudo a seu modo, causando
dano e aflição, pesar e moléstia, dor,
agonia.
Plantou um pomar de discórdia,
desenganos, traições.
E saboreava esses frutos como a serpente, a
maçã.
Com ela não se podia...
Então, diz que o marido foi embora. Que
não agüentava.
Foi no melhor cavalo, buscar sossego na
vida, mulher boa com quem ter filhos.



O coração de Tereza era duro mas, lá no fundo, doeu.
Botou mordação na boca tentando ficar calada, mas sua alma danada por dentro rogou a praga e a praga saiu ventando pelos campos, pelas matas, zunindo que nem inseto pelas brenhas, pelos brejos, até alcançar seu destino, num bafo quente e maligno, numa picada fatal.
Nesse instante o homem adoeceu.
Maleitou.
Febres, delírios, tremores, uma vontade de jogar o corpo fora.
Morreu à míngua no mato, sem assistência de ninguém.
Sertão cerrado, bicho comeu. Gavião comeu. Urubu comeu.
Dois dias depois, o cavalo dele entrou pela fazenda trotando, sozinho.
Tereza herdou suas posses, mas não deu conta de cuidar.
O homem mais rico que já houve em Jaraguá.
Deixou fazendas que o mato tomou.
Deixou escravos que Tereza quase matou.
Os negros fugiram prum alto de serra distante, fundaram aldeia e começaram a

falar africano de novo. Ninguém mais
achou.
Os bois também sumiram dos pastos. Uns
roubados, uns atolados, uns picados de
cobra, uns famintos, descuidados.
Peões e campeiros largaram atrás de outro
patrão.
Cana caiana nem chegou soltar pendão.
Capoeiras e matas, o fogo da seca
queimou.
Farinha de vender, bichou.
Pequizeiros, mangueiras, pararam de dar
fruta. Enluaram.
Galinha nunca mais botou.
O casarão foi indo, se arruinou.
Ficou só pio de coruja à noite.
Com pouco tempo a herdade acabou.



Tereza foi morar com a mãe. Socou
seus trens, tudo, aquela
quinhilharia, no sobrado do
Larguinho de Santana.

O povo que viu a mudança admirou
aquela coisarada.

E pegou falar.

Diz que Tereza enfeou. Ruindade fez
estragos nela.

Cada palavra sua era tão má, tão
desmedida que sua boca foi espichando,
largando a carne em ferida.

A mãe fez chá da guiné, benzeu com
galho de arruda, tudo sem serventia.

Tereza ficou Bicuda.

Vendeu as terras cultivadas, as matas, os
pastos.

Vendeu as serras, as grutas, os barrancos
dos rios, os garimpos.

Dois sacos de ouro, Tereza gastou. O da
caridade, Tereza gastou. Jóias verdadeiras
e falsas, tudo a Bicuda esgotou.

Queria de novo ser bela.

Deu volta no mundo atrás de doutor, fez
tratos, mandou, teatros, rezou.

Fez prece e promessa
aos oito maiores diabos.

Invocou o comando de Lúcifer.
Implorou aos chefes dos chefes:
— Belzebu, Leviatã, Asmodeus!
Nada prestou.
Caiu nas garras de Astaroth, príncipe do
Reino das Trevas.
Dominada por este anjo mau, sofreu sua
maior tentação: a preguiça.
Aí danou-se.
Tereza perdia tudo e parece que não
percebia. Cada dia mais feia e orgulhosa,
cada dia mais exibida. Mulher no feitio de
espezinhar.
Se comprasse uma fazenda pra fazer um
aventil, comprava logo a peça inteira pra
ninguém fazer igual.
Naquele tempo antigo o povo escolhia
sempre uma pessoa dos ricos pra batizar as
crianças. Davam um jeito de aparentar
chamando de compadre, comadre. Ficava
mais fácil de ganhar os favores.
Então Tereza Bicuda tinha uma comadre,
uma mulher muito simples. A única
amizade de Tereza foi só ela.
Pois um dia, veja isso, Tereza passou na
porta dessa comadre sua e convidou:
— Vamos, comadre, comprar uns trem lá
na loja?

Foram. A comadre, coitadinha, separou o dinheirinho dela. Comprou e pagou.

Tereza Bicuda pediu fiado. Depois enfezou porque a comadre tinha e pagou na hora. Botou uma coisa em cima da comadre, um olho tão forte, esquisito, que a outra aleijou.

Foi um caso comentado.

Quem antes desconfiava, agora tinha certeza. Era uma bruxa danada, essa feiúra de Tereza Bicuda.

O povo agarrou ter muito medo dela. Não merecia menos: cobiçando o lote alheio, numa olhadela de esguelha, secava uma horta, um pomar, destruía um plantio inteiro.

Com uma cuspidada no pasto, o capim virava lama, atolava a vacaria, bichava o gado todo.

Queria tudo pra ela. Se alguém demonstrasse ter, a Bicuda destruía.

Mais um pouco arruinou com tudo. Não tinha mais o que vender.

Jarros, quadros, tapetes, relógios, mobílias, cristais, peças de prata e ouro, taças, pratos, castiçais. Até os santos da casa, juntados por sua mãe, Tereza não tinha mais.

Vivia ocupada mesmo só de fazer
ruindade. Naquele sobrado velho,
desmobiado, do Larguinho de Santana.
Só ela e a mãe e as teias de aranha.
De dia Tereza gritava, ralhava com a mãe,
se esgoelava.

À noite largava risadas histéricas que se
ouviam a um quarteirão.

Quem morava no Larguinho não podia
dormir direito, era aquele desassossego,
aqueles sobressaltos sem fim.

O povo todo desviava dela na rua, com
medo de adoecer.

Ninguém começava uma obra sem se
benzer de Tereza Bicuda.

Achavam que haveria prejuízo.

Com ela não tinham negócios, nem
bom-dia nem boa-tarde.

Se a encontrassem num beco, sem chance
de retornar, botavam cruz na testa e no
lábio e apertavam o passo até quase sair
correndo. Passavam por ela de cabeça
baixa, como quem não vê nada. Um
medão que a Bicuda desferisse
mau-olhado.

Teve um dia, a lavadeira chegou na casa
de Tereza com a roupa alvinha de tanto
bater na pedra do rio. A Bicuda não tinha

dinheiro pra pagar o serviço e então
escorraçou a pretinha aos berros:
— Sai pra lá, carangueja! Arreda e não
pisa mais aqui!

A pretinha, amuada, por dentro xingou:
— Bicuda caranguejeira, beijo grosso de
torresmo! Eu, aqui, não volto mesmo!
Foi pensar e cair durinha. Ficou pra
sempre deitada, nunca mais achou cura.
Desde esse dia a mãe de Tereza é que
tinha que bater a roupaçada dela no rio. E
era trouxa grande todo dia, tantos
brocados e penas, tules, damascos, rendas,
cetins.

Roupa de antigamente, daquelas
solenidades. Mas tava já tudo gasto,
rasgado.

A velha também batia a enxada na horta
dos outros pra conseguir ir vivendo,
sustentando as diabruras da filha.

Era uma trabalhadeira de dar dó, nem
terminava o dia e ela tinha que começar
tudo de novo.

Uma vez teve uma festa no terreiro de um
tal Siô Zeca, todo mundo foi. Esse causo
daí é muito falado.

Viola corria solta, casamento de uma filha.



Meia-noite Tereza Bicuda chegou, fazendo
caçoada da pobreza da festa. Que nem
dama das trevas. Vestidão pomposo,
vermelho, brilhante.

Mas todo rasgado.

Cabelo desgrenhado, unha suja.

Três gatos eriçaram pêlo quando ela se
aproximou.

Ninguém quis dançar com ela. Sabe Deus
com que diabo andou?

Tereza Bicuda ferveu. Largou uma
daquelas risadas histéricas, a casa do Zeca
tremeu.

Viola calou. Dançador de catira parou
onde estava. Não se ouviu mais um grilo.
Só o miado melancólico da gataiada.

Nem despedidas teve. Cada um sumiu
como pôde, os noivos pela porta de trás,
nos carreiros que cruzam os pastos, fora da
estrada.

Festa acabou.

O Zeca trancou tudo, foi dormir. Parece
que Tereza Bicuda ficou gritando e
esmurrando a porta a noite inteira.
Feitio de ente assombrado. Nem cachorro
teve coragem de chegar perto.

Desmancha-prazer.

E tem outros fatos...

Ali mesmo, na Rua das Flores, tinha uma moça que vivia na janela. Não saía dali pra nada. Diz que era muito doente, não podia trabalhar e a vida escoava na janela só de olhar.

Teve um domingo uma procissão, ela ficou vendo. Aquela fieira de mulherada santa.

Lá por último vinha Tereza Bicuda, caçoando das rezas, fazendo carantonha pras beatas.

Quando passou na janela da moça, entregou uma vela acesa e disse que a moça guardasse, que era coisa muito sagrada e que talvez com ajuda disso pudesse sarar.

A moça agradeceu e botou a vela no quarto.

Passou um dia, aquela vela queimando. Passaram três dias, a vela não acabava de queimar. Quando deu uma semana a moça foi e soprou. Aí que viu: era uma canelinha de defunto.

Virgem Santa! Foi aquele pavor. A coitada tremeu uns dez dias sem parar. Depois que passou a tremedeira a moça

enterrou o ossinho no fundo do quintal e ficou rezando novena pelo morto. E nunca mais! Acabou seu único gosto na vida, que era espiar a vida dos outros pela janela. Tereza Bicuda era muito má, atormentava direto, sem descanso.



Opovo conta que por esse tempo a mãe dela tava já muito velha. Que Tereza acabava com ela. A velha não agüentava mais trabalhar. Então foi indo, as coisas acabaram de vez. Nem farinha com melado. Nadinha. Tereza Bicuda pôs a mãe pra pedir coisas na rua. E queria do bom e do melhor. Ai se faltasse algum dos querereres de Tereza! Dava no couro da velha até fazer sangue. Que essa velha não prestava pra nada, era embaraço na vida. Que só servia pra transporte de carga, nem era gente mais, era mula, esse estropício de velha. Um certo dia foi demais. Preparou os arreios, pôs o freio de cavalo e montou. Bateu com o pé, deu com chicote e obrigou a velha a sair trotando pelo quintal. Depois andou a Rua das Flores todinha montada nas costas da mãe. A velha pedia socorro, ninguém tinha coragem de dar. As pessoas que viram se esconderam apavoradas, ficaram atrás das portas

ouvindo o gritar doído da mulher.
Alguns que arriscaram uma olhadela,
levaram xingo na cara e uma cuspidela
visguenta, que nem veneno de cobra.
Chamaram rezeiro, benzedor, padre.
Nada valeu contra o desatino de Tereza.
Aí mesmo ela enfezou.
Trançou a cidade inteira na sua montaria,
vantajando aos berros que cavalo melhor
não tinha. Deixou no rastro uma
sangueira escura que penetrou nas pedras
e manchou tudo, ainda hoje dá pra ver.
Nessa andança desvairada, em cada porta
ela marcava uma cruz de sangue e por
cima rogava uma praga.
Clamou pelas doenças, chamou maus
espíritos, pediu pestes e penúria, que se
danasse todo mundo!
O resto das forças, aquele soprinho de
vida que ainda habitava sua mãe, foi
consumido nessas pedras aí que a gente
está pisando.
Nessas velhas pedras de rua de Jaraguá.
Quando a velha arriou no chão, Tereza
Bicuda largou aquele trapo de corpo
coberto de sangue num beco e foi
imprecar na porta das igrejas.



Invadiu os recintos sagrados, derrubou os santos no chão, arrancou as asas dos anjos, convocando os demônios pra subir no altar.

Nessa hora, então, a mãe de Tereza a excomungou.

Disse juras de maldição que filha nenhuma jamais ouviu.

Que a loucura a possuísse, a levasse e desse fim nessa peçonha de gente!

E morreu.

Naquele beco escuro, sozinha.

Diz que choveu raio de fogo, o céu cobriu de trovão, remoinhou terra pra todo lado e um cheiro ruim, cheiro maligno e azedo, empestou a noite.

Amanheceu dia baço e amarelento. Dia fedido.

Serpentes abandonaram seus ninhos, vieram se expor à horrível cor daquela manhã.

Ninguém quis sair de casa.

E foi nesse dia, silêncio de feriado, cara murcha de jejum, que Tereza Bicuda enlouqueceu.

Saiu do sobrado espantando os cachorros e os gatos, gritando com as cabras, chutando galinhas e pedras na rua.

Alisou as cobras, conversou com os
lagartos, pendurou bichos peçonhentos
pelo corpo.

Depois rumou pro lado das serras,
dançando endemoninhada com suas
cobras, seus lagartos, maldizeres, maus
augúrios, desamores, desprazeres.
Espraguejando borboletas e pássaros,
cuspindo onde houvesse beleza, invocando
terríveis tormentas, desandou contra a
natureza:

Chovessem facas e vidros! Machados,
martelos!

Ventassem formigas, queimassem as
águas!

Calamidades varressem o mundo,
epidemias malditas!

Desabasse a Terra de infelicidade!

Tereza Bicuda, amaldiçoada.

Vagou noturna, sem lua e estrela. Uivou,
gemeu, tropeçou, caiu. Se arrastou no
chão, rasgou roupa, rasgou carne, se
torceu, retorceu, se ofendeu, rugiu.

Que nem víbora enrolou num pau e,
mordida pela própria boca, ficou cada vez
mais louca, estremeceu, inchou,
estrebuchou, ganiu.

Seu grito voou que nem flecha e fincou na
Canela de Ema, serra pontuda. Daí pra
sempre o lugar ficou gritando,
assombrado, o eco do eco do eco do eco.
Tereza Bicuda, o corpo engehado.
Bagaço.

Como mato cerrado no tempo da seca.
Que nem galho seco ardendo no fogo, a
Bicuda rangeu, estalou, deu um estouro,
morreu.

Diz que virou uma orelha-de-pau.
Encolheu, sumiu.

Na cabeceira de um córrego.
Contaminou a nascente, envenenou o rio.
Nuvens pretas anoiteceram o dia.
Nuvens de insetos. Zoada de acabar com
as lavouras.

Peixes boiaram de bocão aberto, olho
duro. Estatelaram nas prainhas.
O canoeiro, intrigado, não entendia.
Demorou a aparecer o corpo de Tereza
Bicuda. Veio descendo as corredeiras do
córrego, tropegando nas pedras, girando
nos redemoinhos. Foi encalhar no muro
da Ponte Velha, todo mundo viu.
Água daquele córrego ninguém quis beber
mais. Ficou envenenada.
O córrego pegou o nome de Tereza Bicuda.



No enterro dela ninguém queria
segurar o caixão.
Então, na hora de enterrar,
botaram o corpo numa rede e dois
cachorros puxaram.
Levaram pra Igreja do Rosário, levantada
pelos negros, pedra por pedra, naquela
misturança de crenças.
Nem tinha cemitério naquele tempo. Se
fosse rico, enterravam num oitão da igreja.
Se fosse pobre, em covas simples, atrás da
igreja, em terra sagrada.
Largaram a rede de Tereza atrás da igreja,
debaixo de sol e chuva, que ninguém
queria mexer mais com aquilo.
Ninguém queria rezar por ela. O padre
arrumou o que fazer em outra vila, saiu
depressa, sem abençoar o corpo.
Nem carpideira apareceu pra chorar.
Passou uma noite, João Renó foi lá e
enterrou.
Foi porque era coveiro, era sua profissão.
Não concebia um corpo assim,
abandonado. Afinal, Tereza Bicuda era
gente. Assim pensou João Renó. Mas no
fundo temia.
Seria gente, seria?

Quando acabou o serviço, o coveiro
escutou um chamado.

Vinha das profundezas:

— Me tira daqui, João Renó! Eu não
quero ficar aqui.

Ele ficou admirado com aquilo:

— Uai, o que vem a ser isso agora?

A voz saía gemente do túmulo:

— Me tira daqui, João Renó!

Passou o dia, aquela grita ali. Quando era
pra noite, seguia pedindo:

— Me tira daqui, João Renó! Eu não
quero ficar aqui.

O coveiro andava ali toda vida, mas nunca
tinha visto coisa assim. Teve medo essa
vez.

História de assombração, já ouvira
bastante, mas nunca presenciara de fato.
Agora isso de a terra sair falando...

João Renó morava ali encostado. Foi pra
casa mais cedo.

De lá ficou ouvindo a gritaria de Tereza
Bicuda.

Meia-noite, uma ventania saiu do túmulo,
foi ventar por cima da cidade.

A Rua das Flores se encheu dos gritos que
o vento trouxe.

Ninguém pôde dormir.
No dia seguinte, Tereza Bicuda apareceu
fora da cova.
João Renó não queria acreditar naquilo.
Rezou o creio-em-deus-pai, derramou
água santa, benzeu, enterrou de novo.
Nem bem anoiteceu começou outra vez a
ventania.
Um vento gelado e quente ao mesmo
tempo, trem esquisitado.
O povo foi ficando atordoado, as pernas
bambeando.
O vento entrava pelos vãos das portas e
janelas, uivando dentro das casas.
Entrava pelas orelhas fazendo gritaria dentro
da cabeça das pessoas.
Deixou todo mundo louco.
Pela manhã Tereza Bicuda estava fora da
terra.
Coisa absurda!
João Renó chamou uns parentes, pediu
auxílio. Cavaram mais fundo, tornaram a
enterrar a Bicuda.
Nessa noite, ventou um furacão. Já soprou
arrebentando os muros da igreja, rodopiou
adoidado, levantou redemoinhos que

encresparam e revoltaram as águas dos rios.

Destruiu pontes, arrastou os bois dos campos, derrubou casas, arrancou o calçamento das ruas.

Coisa medonha!

E Tereza Bicuda amanheceu da banda de fora da sepultura.

Foi indo, o coveiro ficou impaciente com aquilo.

Tereza Bicuda não parava enterrada.

João Renó pegou o cadáver e levou pro alto de um morro.

Jogou o corpo no mato, perto da cabeceira do córrego onde Tereza Bicuda tinha morrido.

Tereza Bicuda era tão ruim que nem a terra quis aceitar.

Diz que nem o Diabo apareceu pra carregar.

Ela ficou lá no mato.

Parece que tava quieta. Parou de ventar e gritar na cidade.

Mas a serra ficou assombrada. Passou pros domínios dela.



Uma serra do avesso.
É a Serra Tereza Bicuda.
Tem gente que duvida se é serra,
se é precipício.

Lá tem muito caju, pequi, muita fruta.
Mas Tereza Bicuda não deixa ninguém ter
gosto de ir lá, não.

Ela faz escaramuça pra todo mundo que
vai lá.

Certa vez a Jorgina resolveu subir a serra
pra apanhar caju e mangaba.

Tinha demais, ela não sabia qual pegava
primeiro.

Tinha enchido um jacá, quando escutou
uma voz rouca que saía de um buraco:

— Desce pra cá... Desce pra cá! Aqui tem
mais fruta, aqui tem jatobá.

Jorgina foi ver.

Era um buracão fundo. Lá embaixo nasceu
um pé de jatobá daqueles grandes e sua
copa estava lá em cima... lá em cima só
suas folhinhas. Um despenhadeiro que só
vendo!

A voz saía do fundo, saía do nada:

— Desce pra cá, Jorgina... Desce pra cá!

Jorgina apurou a vista, viu o esqueleto de
Tereza Bicuda pendurado num galho do
jatobazeiro, lá embaixo.

— Meu Divino!

Jorgina destampou chorar e correr. Veio caindo, rolando o morro, se arranhando toda.

O caju derramou no morro. A mangaba espalhou no mato.

Jorgina perdeu a chinela, se estropiou inteira.

Chegou em casa não tinha sangue mais. Nem podia falar.

Tereza Bicuda não dá o gosto das frutas pra ninguém.

Agora, dizem que lá tem marimbondo e abelha demais da conta. Diz que tem

ninhos de cobra e que chove pedra.

O lugar ficou intransitável por causa da ventania.

Tereza Bicuda ficou amaldiçoada.

Foi exconjuro de mãe, não tem remédio, não.

Mesmo morta não achou descanso.

Quando demorava a chover, o povo ia fazer penitência...

Eles fizeram uma cruz de cedro pra fincar lá no alto da serra. Só que penitência

nenhuma agüentou chegar lá em cima.

Era marimbondo-cavalo picando e pedra

caindo em riba da cabeça das pessoas sem
parar.

O lugar ficou assombrado, muita gente se
danou por lá.

Uma serra tão bonita!

Ainda hoje todo mundo tem medo.

Menino malino, é só receber ameaça de
ser jogado lá, fica bonzinho na hora.

E olha que isso é coisa do tempo
vencido... coisa dos antigos, dos primeiros
que habitaram Jaraguá.

No tempo do meu avô ainda tinha
lobisomem. Hoje não tem mais...

Eu mesmo já fui lá.

Já fui lá na cabeceira do Corrégo Tereza
Bicuda.

Andei por lá tudo e nunca vi nada disso.





CAUSOS ESPECIAIS

Conversando com o leitor...

HISTÓRIAS DE ENCANTAMENTO, causos, contos que o povo conta e reconta de jeitos diferentes, atravessando todas as geografias e os séculos, mostrando a sua sabedoria, o seu conhecimento enraizado e folhudo. Histórias que falam das origens das coisas, dos porquês das acontecimentos, das dificuldades de compreender tantas coisas deste mundo.

Que falam dos sentimentos que são da condição humana, das crises da existência. Das tristezas, dos egoísmos, das tantas carências e ausências... Dos medos, das coragens, das covardias, do ódio, da impotência, da raiva acumulada. E do amor, das paixões enlouquecidas, das seduções e desejos, da sexualidade solta e vivida, do querer ser feliz! Contam das dúvidas e dos destinos. E enfrentam a vida e a morte. E tudo o que é essencial do querer ser gente...

Que contam da curiosidade ávida de conhecer o mundo, de romper com a família, de se afastar para fazer e percorrer a própria vida. Dos relacionamentos, tantas vezes tão difíceis. Discutem sobre quem manda e quem obedece, os pactos com Deus e o Diabo para conquistar o almejado, o vitalmente necessário. E tudo o que é essencial para se estar no mundo...

Que contam sobre o enfrentamento das pessoas com o mundo, a significação da riqueza e da pobreza. As pragas e as desolações de todo tipo (externas) e as destruições acachapantes (internas). Vivem o conflito. Afinal, são a voz do povo e por ela se escuta os reclamos das injustiças, os mistérios do que não se entende, as assombrações assustadoras daqueles e daquilo que não foi encarado a tempo. E tudo o que é essencial para se compreender o mundo...

Histórias que vêm da tradição oral brasileira, ou européia, e que foram sendo traduzidas pelo imaginário popular. E que são lindas de se ler e fascinantes de se ouvir em voz alta, para sentir o ritmo, a cadência, a melodia do fraseado poético, os refrões, o mote...

Histórias que vêm dum faz-tempo muito, muito remoto... Que se escutam começadas dum ou doutro jeito, mioladas de formas mis e terminadas de maneiras bem diferentes. Conforme a preocupação do contador. E que estes dois escritores e desenhistas — Ciza Fittipaldi e Ricardo Azevedo — recontam de modo alumbrado! Cada um, à sua maneira, ilumina um conto ou ponto, sombreando, penumbrando ou clareando uma parte, como sempre fez cada contador... Encantando o leitor/ouvinte e esclarecendo — através da voz sábia do povo — sobre tudo o que é essencial para se compreender a vida...

Pelo menos nove versões existem dos casos que Tereza Bicuda viveu. Ciça Fittipaldi pesquisou todas elas, contadas nos interiores de Goiás, cada uma dum jeito. E, de tudo o que ouviu, montou a seqüência desta história.

E o fez de modo bellissimo. As frases curtas descrevem os lugares, as gentes, as roupas, o silêncio, a calma, o medo, o desvario... Mesmo acontecendo no período da escravidão, lêem-se palavras de hoje, o tom regional, a poetura dos verbos inventados, tudo misturado de modo lírico no contar e violento no que conta. Um vendaval de emoções, de buscas e afirmações, de seduções e crueldade, de beleza e de loucura, de traições e vinganças, narradas com maestria. Lindo!

Se acompanha tantos infortúnios e provoca tanto o que pensar... Sobre a mulher usada que percebe o seu fascínio e passa a explorá-lo, cansada de ser "uma beleza humilhada". A moça muito pobre, serviçal e ambiciosa, só tendo como arma ser bela e sensual, que pretende ser rica e poderosa, mas que endinheirando não se contenta e quer sempre mais e mais... Sobre a mulher que ascende, que se exhibe, que pisoteia os desprotegidos e termina sendo justificada por eles e pela natureza (seus iguais e de onde se originou).

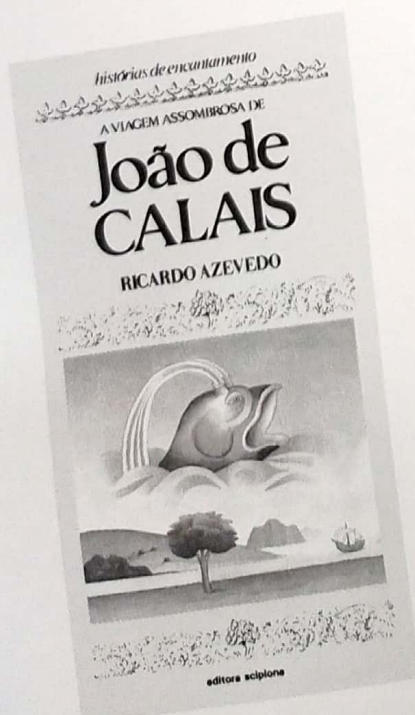
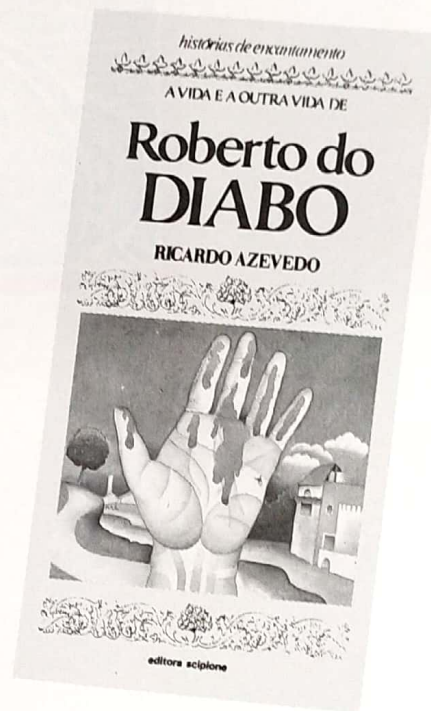
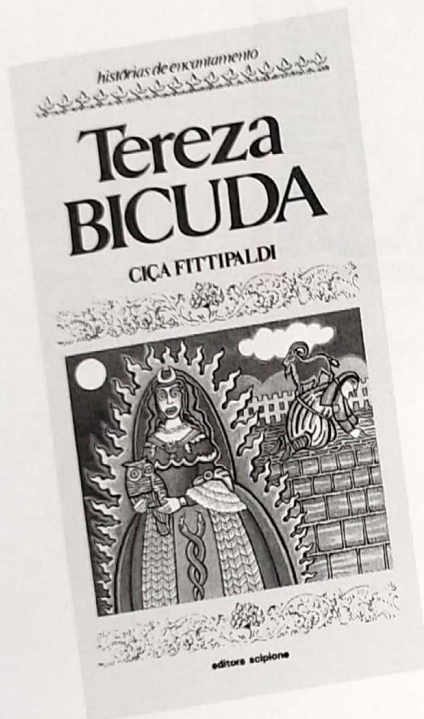
Aquela mulher que, sem saber lidar com o amor, manipulou os poucos de quem gostou. Aquela mulher que fez tudo secar: na terra e nela. Que destrói tudo o que conquistou, de que se aproximou, que desejou. Aquela mulher que não conseguiu viver seus sentimentos, não soube lidar com o poder, se escondeu da maldade e, despreparada para tantos altos e baixos na vida, enlouquece... Bruxa? Demente? Perigosa?

Tereza, aquela que não teve sossego em vida, não o conseguiu nem depois de morta. O que foi caso e o que foi acontecimento na história desta mulher brasileira tão desassossegada? Pra pensar...

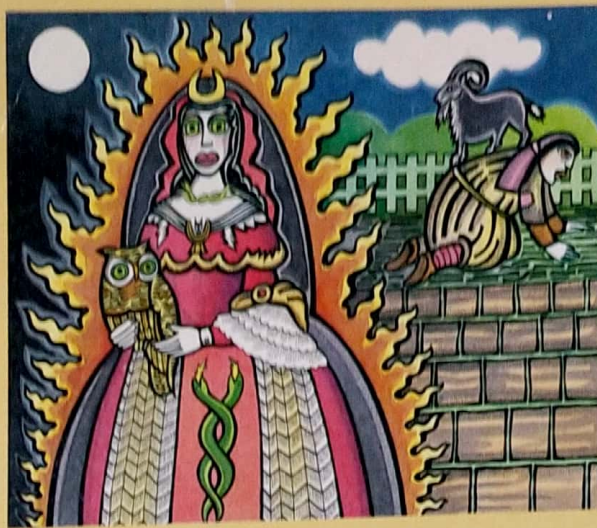
Fanny Abramovich

histórias de encantamento

Ciça Fittipaldi e Ricardo Azevedo mergulharam no imaginário popular brasileiro, para resgatar mágicos, deslumbrantes tesouros. Lendas maravilhosas e histórias fantásticas, ricamente ilustradas e recontadas, vão fazer você sonhar.







Tereza Bicuda: bruxa, demente, perigosa? Uma história delirante, proveniente da tradição oral goiana, que possui pelo menos nove versões. Ciça Fittipaldi pesquisou todas elas, para estabelecer e ilustrar esse belíssimo texto, tão representativo do imaginário popular brasileiro.

DISTRIBUIDORES

<p>ACRE RIO BRANCO Av. Ceará, 1240 - CEP 69900 Tel. (088) 224-4540</p> <p>ALAGOAS MACEIÓ Rua Corá, Lourenço Albuquerque, 197 (antiga Rua Boa Vista) - CEP 87020 Rua Joaquim Távora, 19 e 203 Tel. (062) 221-2481, 223-3691, 221-7461, 221-8337 e 221-2033</p> <p>AMAZONAS MANAUS Rua Henrique Martins, 453 CEP 69007 Tel. (092) 234-1891 e 234-1939 Telex: 92 - 2471 - CECI-BR</p> <p>BAHIA SALVADOR Vendas: Av. Derival Caymmi, 1080 2ª Rótula do Aeroporto CEP 41600 - Tel. (071) 249-2103 Telex: 71 - 3239 - DLBH-BR Publicidade: Av. Sete de Setembro, 907 Mercês - CEP 40115 Tel. (071) 247-4500</p> <p>CEARÁ/PIAUÍ FORTALEZA Rua Floriano Peixoto, 1019/21 CEP 60025 - Caixa Postal 474 Tel. (085) 226-8911, 226-8910 e 221-6498</p> <p>DISTRITO FEDERAL BRASÍLIA SIGS - Quadra 1, n.º 725 CEP 70610 - Caixa Postal 142 153 Tel. (061) 223-7688 e 224-9018</p> <p>ESPIRITO SANTO VITÓRIA Rua Duque de Caxias, 115 CEP 29010 Tel. (027) 223-4066 e 222-2207</p> <p>GOIÁS GOIÂNIA Rua 70, n.º 314 - Setor Central CEP 74000 - Caixa Postal 10 095 Tel. (062) 223-6329 e 225-4847</p>	<p>MARANHÃO SÃO LUIS Rua Joaquim Távora, 353 CEP 65010 - Caixa Postal 398 Tel. (098) 222-5653, 222-0107, 221-4504, 221-3994 e 222-8388 Telex: 98 - 2587 - CYMA-BR</p> <p>MATO GROSSO CUIABÁ Rua Almirante Pedro Álvares Cabrál, 122 - Jardim Cuiabá CEP 78030 - Caixa Postal 864 Tel. (065) 321-0160</p> <p>MATO GROSSO DO SUL CAMPO GRANDE Rua Pedro Celestino, 2355 CEP 79015 - Tel. (067) 383-6833</p> <p>MINAS GERAIS BELO HORIZONTE Rua Carlos Turner, 374 Bairro Silveira - CEP 31130 Tel. (031) 467-1144 - Vendas 467-4695 - Publicidade</p> <p>JUIZ DE FORA Editora Ática S.A. Rua Espírito Santo, 868 CEP 36013 - Tel. (032) 213-6701</p> <p>TRIÂNGULO MINEIRO Dist. Ribeirão Preto - SP Rua Floriano Peixoto, 83 - CEP 14010 Tel. (016) 634-7541 (PABX)</p> <p>PARÁ/AMAPÁ BELÉM Rua dos Tamoios, 1592 - CEP 66010 Tel. (091) 222-7286 e 222-7203</p> <p>PARAIBA JOÃO PESSOA Rua da Areia, 578 - Centro CEP 58010 - Tel. (083) 221-0956</p>	<p>PARANÁ CURITIBA Rua Mal. Floriano Peixoto, 1530 CEP 80230 - Tel. (041) 223-9257 Telex: 41 - 8391 - LLDC-BR</p> <p>LONDRINA Rua Porto Alegre, 665 - CEP 86070 Tel. (0432) 23-4277 e 23-4845</p> <p>PERNAMBUCO RECIFE Rua Corredor do Blado, 185 Bairro Boa Vista - CEP 50050 Tel. (081) 222-4376, 231-0090 e 231-0091</p> <p>RIO DE JANEIRO RIO DE JANEIRO Rua Barão de Ubu, 173 Bairro Praça da Bandeira - CEP 20260 Tel. (021) 273-1997 Telex: 21 - 30518 - EDAT-BR</p> <p>CAMPOS Rua Caidas Viana, 42 (Prolongamento R. Saldanha Marinho) - CEP 28015 Tel. (0247) 22-5034 e 22-5634</p> <p>RIO GRANDE DO NORTE NATAL Distribuidora Capibaribe de Livros Ltda. Rua Sílvio Pellico, 244 Bairro Alacirim - CEP 28015 Tel. (084) 222-2769</p> <p>RIO GRANDE DO SUL PORTO ALEGRE Distribuidora de Livros Dom Quixote Ltda. Av. Ceará, 1360 - CEP 90240 Caixa Postal 3 073 Tel. (0512) 43-1119 - Publicidade 43-1566 e 42-7686 - Vendas</p> <p>RONDÔNIA PORTO VELHO SANTA CATARINA FLORIANÓPOLIS Rua Conselheiro Mafra, 47 CEP 88010 - Caixa Postal 795 Tel. (0482) 22-6765 Telex: 48 - 1044 - LDCT-BR</p>	<p>SÃO PAULO ARARAQUARA Av. Sete de Setembro, 371-A CEP 14800 - Tel. (0182) 32-2711</p> <p>BAURUR Av. Aureliano Carde, 636 Centro - CEP 17013 Tel. (0142) 23-4587</p> <p>OURINHOS Praça Melo Peixoto, 41 - CEP 19900 Caixa Postal 101 Tel. (0143) 22-4080</p> <p>PRESIDENTE PRUDENTE Rua Washington Luiz, 118 CEP 19010 - Caixa Postal 99 Tel. (0182) 22-1447 Telex: 18 - 2462 - LIVG-BR</p> <p>RIBEIRÃO PRETO Rua Floriano Peixoto, 83 - CEP 14010 Tel. (016) 634-7541 (PABX)</p> <p>SANTOS Av. Campos Sales, 112/114 CEP 11013 - Tel. (0132) 32-8617</p> <p>SÃO JOSÉ DO RIO PRETO Rua Oswaldo Aranha, 1422 CEP 15025 - Tel. (0172) 32-2405</p> <p>SÃO PAULO Rua Fagundes, 121 - CEP 01508 Caixa Postal 65 131 Tel. (011) 37-4151 Telex: 11 - 32969 - EDAT-BR</p> <p>SERGIPE ARACAJU Vendas: Trav. Deusdeth Fontes, 47 Publicidade: Rua das Laranjeiras, 38 CEP 49010 Tel. (079) 224-1495 e 224-3662</p>
--	--	--	--

* Código DDD

MATRIZ: Rua Fagundes, 121 - CEP 01508 - São Paulo - Capital - Caixa Postal 65 131 - Tel. (011) 37-4151 - Telex: 11-32969 - EDAT-BR

1352287GI

Tereza Bicuda
Ciça Fittipaldi



1U314



ra scipione